**E-book – 200 Anos**

200 ANOS DE PONTA CABEÇA

O dia 07 de setembro é feriado nacional desde a década de 1940. O dia é considerado símbolo máximo da libertação do Brasil de Portugal pelas mãos de Dom Pedro I, detentor da célebre frase “Independência ou morte”, conhecida hoje como o famoso grito do Ipiranga.

Com o passar dos anos, a data se tornou o maior símbolo da independência brasileira. Porém, nos últimos anos, passou a ser mais símbolo político do que um símbolo de caráter nacional. Comumente encontramos brasileiros que não se recordam do verdadeiro significado do lema de liberdade nacional, outros muitos sequer se lembram do que se comemora no dia 7 de setembro. Principalmente jovens, que em sua maioria apenas percebem o dia como qualquer outro no ano.

José Bonifácio de Andrade e Silva, o patriarca da Independência, muito bem nos lembra: “No Brasil, a virtude, quando existe é heróica, porque tem que lutar contra a opinião, e o governo”. Com a proclamação da República o regime precisava de símbolos nacionais próprios, assim procuraram personagens como Tiradentes, um homem que não só tentou promover a dissolução do atual território nacional como também defendeu a manutenção da escravidão, valor este completamente oposto aos valores do grito do Ipiranga.

Para Benjamin Constant “Não era esta a república com que ele sonhava”. Esta procura por novos símbolos nacionais próprios, que legitimara o novo regime, ocasionou uma verdadeira limpeza de nossa história, mudanças de nomes de ruas, locais, substituição de feriados e descaso com locais históricos.

Logo a falta de conhecimento histórico de nosso povo resulta em uma sociedade que é pobre em memória nacional, mesmo em um país tão rico em história como o Brasil, esta falta de memória é prejudicial, pois acaba fomentando cada vez mais a corrupção. Já que “Um povo sem história é um povo sem futuro”.

***José Guilherme Vieira dos Santos Silva – Maravilha – SC***

**Brasil, um atestado de óbito**

Dias antes da OMS declarar pandemia do vírus Sars-Cov-2, conheci, caro leitor, um polonês que me perguntou o que eu pensava sobre o Brasil. Passei alguns instantes tentando encontrar uma resposta, mas falhei. Somente após dois anos, durante o bicentenário de independência, consegui encontrar as palavras certas.

Honestamente, caríssimo leitor, acredito que Gonçalves Dias fez uma descrição interessante quando afirmou que o Brasil é uma terra com palmeiras, onde supostamente cantavam sabiás. Também acredito que a reflexão proposta por Castro Alves sobre a escravidão em seu poema ‘Navio Negreiro’ foi um importante passo para promoção de esperança aos negros. Contudo, o que esses românticos não conseguiram enxergar é a utopia presente em suas perspectivas. Poderia concordar com o Gonçalves se encontrasse um único sabiá em uma palmeira, ou se após a lei Áurea, a população negra da sociedade pudesse ser classificada e respeitada como humana. Isso pode ser comprovado, leitor, pelas invasões extremamente violentas em comunidades mais pobres, como apresentado em ‘O Cortiço’, em 1890, ou em ‘Tropa de Elite’, lançado em meados de 1990. Infelizmente a tortura proporcionada por esse país não se limita a cor, à orientação sexual ou opção religiosa, evidenciadas em ‘O Ateneu’ e em ‘Tenda dos Milagres’, publicados também entre os séculos XIX e XX. Isso ocorre pois está intimamente atrelada a 300 anos de escravidão institucionalizada, e mais 200 de construção de preconceitos enraizados.

Se dúvidas, meu caro, atente-se a brutal e descabida perseguição contra ideias e ideais sociais, confundidos frequentemente como ameaças aos cristãos, ao seu Deus e à “família tradicional”, sendo marcadas por ações animalescas que resultam em corpos jogados na BR-3.

Outra evidência da cultura da violência é o aumento do apelo popular pela morte e tortura, incentivada por políticos demagógicos corruptos de extrema direita que almejam ganhar a confiança do povo por meio de discursos saudosistas e pseudonacionalistas. Tal conquista se deve à glorificação de um período obscuro em que bestas armadas apoiadas por empresários caçavam “Herzogs” e lucravam com obras faraônicas, como a ponte Rio-Niterói, por exemplo.

Há outros fenômenos que precisam ser mencionados, mas por meio de uma pequena correção de alguns versos de Gonçalves:

Minha terra tinha verde,

Antes de incêndios devastar;

Os cientistas que lá habitam,

Precisam fugir sempre para outro lugar.

Nosso alimento tem mais veneno,

Milhares de mortos, esquecidos;

Os indígenas, dizimados;

Os refugiados, escravizados e oprimidos.

Em suma, admirável leitor, agora posso responder ao polonês seguramente, pois penso que o Brasil está doente, está com câncer. Mas sei que o único tratamento seria a conscientização e superação de 200 anos de uma mentalidade racista, homofóbica, machista, desinteressada pelo meio ambiente, fascista, saudosista e, muitas vezes, até sádica de parte da classe influente da sociedade brasileira, bastante criticada por Machado de Assis e por tantos outros, conquistando assim uma real independência, sendo um país, enfim, livre da escravidão. Pensando bem, pobre leitor, seria melhor considerar o paciente morto.

***Dimitry Freire, São Caetano do Sul – São Paulo***

**VENTOS DE LIBERDADE**

Desde a chegada da nobreza

até o retorno do rei.

ventos sopraram velas,

sussurrando segredos.

Andaram ondas, trazendo almas em desalento

este sortido na terra colonial.

O café florou na pele e nos olhos dos seus, senhor

essas se tornaram eras de dor luta e fome

histórias de valentia, honras intrigantes.

O bicentenário de uma história marcada pelo “fico” de um rei

a assinatura de José,

a carta de uma mulher...

O brasil se mostrou plural

a quem tiver esperança em um povo unido

Com o esplendor de seu lar

a alegoria se fez clamar

afrontas travessas da cultura,

língua, cores, crenças, lendas

raças e risos.

Nos tornamos ramificações tortas e correntes

como um rio...

Nascente costeira

***Samara Xavier de Cesar – Limoeiro-PE, Escola Seráfico Ricardo***

**A Independência do Brasil**

O Brasil, país colonizado por Portugal, possui uma história pouco complexa.

Nessa linda história houveram coisas ruins como guerras, escravidão, ditadura militar entre outros. Porém, não podemos esquecer da nossa belíssima independência.

O famoso grito "Independência ou morte” foi realizado no dia 7 de setembro de 1822, por Pedro de Alcântara (D. Pedro I), às margens do Rio Ipiranga, na cidade de São Paulo

Logo após, D. Pedro I foi coroado, o que transformou o Brasil em uma monarquia.

A independência não fez mudanças políticas e sociais tão profundas no Brasil, por conta que D. Pedro I apenas continuou governando, como já estava acontecendo antes do ocorrido.

Mas também houveram mudanças boas, nós estávamos finalmente “livres” de Portugal, viramos uma nação autônoma, iniciando um novo período cultural e econômico para o Brasil.

Mas os motivos de tudo isso são vários, entre eles estão a transferência da corte portuguesa para cá, em 1808 e a crise do sistema colonial.

Além disso, Dom Pedro I estava recebendo pressão pública para não receber mais as ordens de Portugal.

Hoje em dia, temos várias lembranças desse dia, entre elas estão o “Feriado da Independência", celebrado no dia 7 de setembro e também o Parque da Independência, localizado na cidade de São Paulo.

As lembranças desse dia histórico são muitas, felizmente nunca será esquecido.

***Renan de Sousa Moura – São Paulo – SP***

**7 de setembro**

A independência do Brasil ocorreu no dia 7 de setembro de 1822, tendo como marco o tão famoso momento do grito da independência, realizado por Pedro de Alcântara, às margens do Rio Ipiranga, assim rompendo os laços com Portugal.

A independência ocorreu devido ao desgaste nas relações entre o Brasil colônia (principalmente a elite) e Portugal. Tendo relação direta com a Revolução Liberal do Porto de 1820. Porém, também podemos considerar que tudo isso teve início com a transferência da família real portuguesa para o Brasil em 1808. Devido a invasão francesa em territórios portugueses, a família real decidiu se mudar para o Rio de Janeiro como fuga.

Em 1808 com a família real em terras brasileiras e com a abertura dos portos o Brasil deixa de ser colônia, tornando-se parte do reino português. Essa mudança fez com que a elite portuguesa se deseja a reforma do país. Eles queriam que o rei retornasse a Lisboa a qualquer custo.

Depois de muita pressão o rei deixa o seu filho no Brasil para que governasse o país quando mais velho e retorna a Portugal. Em 1822 a elite econômica do país não estava passando por um bom momento com a possível possibilidade de uma recolonização do Brasil, chegando a um ponto em que o sentimento separatista começou a ganhar muita força.

O príncipe regente, D. Pedro, vendo que a medida da situação foi tornando-se irreconciliável decidiu liderar o processo da independência do Brasil antes que fosse tarde demais e o país fosse se separando aos poucos.

***Sarah Porto Antonio – São Paulo – SP***

**Independência, é o que nos dizem.**

Bom, para começar, algo que posso te afirmar é, tudo isso que dizem e mostram, lamento informar, mas é mentira. O quadro Independência ou morte é o retrato imaginado de uma cena completamente diferente.

E se você quiser saber a verdade, eu posso te contar tudo.

Tudo realmente começou em 1821, quando Rei Dom João VI foi pressionado a voltar para Portugal, deixando Dom Pedro I como príncipe regente, governando o Reino Unido do Brasil.

Os portugueses, muito insatisfeitos, exigem também a volta de Dom Pedro, querendo que o agora então, Reino Unido do Brasil, voltasse a ser uma colônia.

José Bonifácio, indignado, elabora um manifesto de repúdio às ordens de Portugal e apoio à permanência do príncipe regente, com o apoio da classe média, no dia 9 de janeiro de 1822, Pedro diz a famosa frase “Se é para o bem de todos e felicidade geral da Nação, estou pronto. Digam ao povo que fico!”

As cortes portuguesas ficam indignadas, e enviam Jorge de Avilez que pouco faz, já que é expulso pelas forças brasileiras.

Porém, em agosto de 1822, já criado o Movimento do “Brasil livre” e Bonifácio nomeado ministro, portugueses enviam uma carta a Pedro dizendo que declara que todos os ministros brasileiros são traidores e que é obrigatória a volta imediata de Dom Pedro I a Portugal.

Como o destinatário da carta estava em São Paulo, Maria Leopoldina é quem recebe a carta e, após ver a intensidade da vontade do retorno de seu marido a Portugal, ela reúne os ministros e manda uma mensagem a seu marido dizendo que imagina que o momento é chegado.

Então, quando a carta é recebida por ele, ele não está todo pomposo, num cavalo, como mostra-se no quadro e como é contado. Dom Pedro, pelos longos dias de viagem está sofrendo de um forte desarranjo intestinal atrás de uma moitinha, à beira do Rio Ipiranga e ao seu lado está uma mula, não um cavalo.

Então, flagrado em seu momento de dificuldade ele rapidamente lê a carta de sua esposa e, entendendo o que ela dizia, se recompõe e declara ali mesmo “Independência ou Morte”.

Assim, no dia 7 de setembro de 1822, nosso país se tornou independente de Portugal.

E você deve estar se perguntando: porque eu sei de tudo isso. Bom, eu era Dom Pedro I.

E eu realmente gosto mais da história em que estou todo arrumado e pomposo acima de um cavalo.

***Letícia Ferrer Alves – São Paulo – SP***

**Flores ou espinhos?**

Choros transformados em cantos

Lágrimas na escuridão

Caem na cor vermelha

De tanto sangue no chão

Era tanta tristeza na alma.

E quem são os responsáveis?

A Independência é sinônimo da Liberdade

Tanto tempo se passou, o Brasil se transformou

Hoje colônia a Nação.

Mas Dom Pedro l nos ajudou

E pelo povo ele ficou

Foi nas margens do Ipiranga que Dom Pedro l

Então gritou Independência ou Morte?

Era 7 de Setembro todo mundo aplaudiu

Viva a nossa bandeira!

Viva o povo do Brasil!

Até hoje nós lutamos

E não podemos esquecer só se forma uma Nação

Se tiver educação.

***Gabriela dos Passos – São Paulo – SP***

**Bar Independência**

Num pequeno bar, em uma das esquinas de São Paulo, André sentava-se no balcão. Além dele, havia apenas um casal jovem, que se sentava numa mesa, e uma mulher, que não deveria ter mais que 25 anos, sentada no balcão, apenas alguns assentos distantes de André. Por conta da baixa iluminação do bar, não era possível ver muito as características dos clientes.

Não era um lugar muito popular, no entanto tinha um ambiente agradável que se assemelhava aos bares e restaurantes dos anos 70, um ambiente que fazia com que os clientes continuassem frequentando o bar. A iluminação era fraca, e a pequena TV, que normalmente passava as notícias, estava desligada. O relógio pendurado no meio das estantes de copos e bebidas marcava 23:00.

- Pedro - André chamou o dono do bar que terminava de secar os copos e taças que acabara de lavar.

- André? Você quer mais alguma coisa?

- Eu só queria saber se você vai abrir amanhã... já que é aniversário de 200 anos Independência…

- Bom, eu preciso do dinheiro que eu ganho, então o bar vai estar aberto nas mesmas horas de sempre, das 19:00 às 05:00.

- Sabe, o Museu do Ipiranga vai abrir amanhã finalmente. - André encarou seu copo, que tinha pouco mais que um dedo de whisky e algumas pedras de gelo derretidas quase completamente. - Mas provavelmente vai estar lotado...

A mulher que se sentava no balcão se aproximou e sentou ao lado de André. Ela bebeu o que restava em seu copo e pediu para que Pedro o enchesse.

- Me desculpe por me intrometer na conversa de vocês dois, mas eu ouvi vocês falando da história do nosso país... - Ela finalmente disse com uma voz doce e harmoniosa.

- E... quem é você?

- Essa é a Júlia, uma historiadora que frequenta o bar de vez em quando. - Pedro respondeu, apresentando a garota que estampava um leve sorriso no rosto.

- Se vocês gostariam de saber algo, podem me perguntar. - Um silêncio recaiu no ambiente. André estranhava o fato de aquela garota estar escutando a sua conversa. Diante da demora de uma resposta, Júlia se sentiu desconfortável e acrescentou. - Sabe, se vocês não quiserem falar comigo, tudo bem, é só me falar e eu volto para o meu lugar. - Ela tomou mais um gole de sua bebida e olhou para o relógio, que agora marcava 23:45.

- André! Pode me chamar de André, por favor fique e nos conte o que você sabe. O sorriso voltou para a face da mulher, no entanto ela disse:

- Mas isso pode demorar um pouco, afinal a história não é algo curto e simples.

- Não é como se nós precisássemos acordar cedo amanhã, não é mesmo? - André

encarou Pedro, que apenas assentiu.

- Mas eu não vou começar falando sobre o que aconteceu no dia 7 de setembro, e sim sobre os eventos antes da declaração da independência, que desencadearam tudo que aconteceu depois. - Ela fez uma pausa para dar mais um gole de sua bebida. - Alguns acreditam que o processo começou no momento em que o Brasil foi elevado a Reino Unido a Portugal. Mas, ainda assim, muitos acreditam que ele teve início com a Revolução Pernambucana, que foi o primeiro movimento a falar sobre a independência do Brasil como um todo, e com a Revolução Liberal do Porto, que basicamente fez com que as relações entre Brasil e Portugal se deteriorassem. - Júlia continuou a falar sobre as revoluções e explicar detalhadamente como que cada uma ocorreu.

As próximas 2 horas foram quase como um monólogo, que foi interrompido quando o casal foi pagar a conta e saiu do restaurante. Ela passou, então, a dar detalhes sobre o que ocorreu após as revoluções, a partida de D. João VI para Portugal, e o famoso “Dia do Fico”. Quando ela chegou no dia da independência, restavam apenas eles.

- Em agosto de 1822, os portugueses estavam exigindo o retorno de D. Pedro I para Portugal, então a Maria Leopoldina organizou uma conferência onde ela assinou uma declaração de independência e a enviou para Pedro, que estava viajando para São Paulo. Dizem que ele estava com problemas intestinais, e que assim que recebeu a carta, teria declarado a independência de nosso país às margens do rio Ipiranga, com o famoso grito de independência. No entanto, até hoje não foi encontrado nenhum registro de que ele realmente tenha realizado o grito. Ele foi coroado imperador do Brasil em 12 de outubro de 1822. E é basicamente isso, vocês tem alguma pergunta? - Quando Júlia terminou de contar, o relógio marcava 04:00, e a garota se levantou e pagou sua conta.

- Não, não temos nenhuma. - André falou e esvaziou o que restava em seu copo. - Você daria uma boa professora... - ele disse para Júlia.

Eles conversaram por mais um tempo, até dar a hora de o bar fechar e, após pagarem pelo que tinham consumido, eles deixaram o bar. No entanto, se encontraram na inauguração do Museu do Ipiranga, já que antes de se despedirem, combinaram de se encontrar no museu para que Júlia pudesse lhes contar mais sobre o Brasil.

***Louise Bochnia – Santo André-SP***

**Independência para quem?**

Esta poesia não se preocupa muito com as rimas

Ela foi construída com muita ousadia

Fugindo de suas regras,

Aqui prevalece mais o conteúdo do que a sua estética,

Para falar de um tema que ainda intriga e gera dúvidas na cabeça de nossa gente querida.

Começo minha escrita questionando nossa independência em seus duzentos anos de história, luta e cultura

As perguntas provocam as pessoas

Levam-nas a pensar, a sair de sua zona de conforto

Não estou aqui para contar a história “verdadeira”

Mas para refletir sobre o que aprendi nos livros e nas aulas de História

Quem foram os verdadeiros heróis da independência de nosso país?

Será que ela foi conquistada através de um grito?

Quem foram silenciados nesse processo de luta pela libertação de Portugal?

Será que fomos mesmo libertos?

Como ficou a sociedade brasileira após a independência?

A história da independência do Brasil não começa em nossa terra

Ela tem início lá na Europa

Quando, em 1806, Napoleão Bonaparte decretou o Bloqueio Continental

A corte portuguesa teve que vir às pressas para cá

Chegou a Salvador, mas viu que o Rio de Janeiro era o seu lugar

Um lugar ideal, que se tornou a sede imperial

Logo foi modernizado com biblioteca, jardins, banco e tudo o que agradava D. João

Em 1810, não demorou a ser assinando um Tratado de Navegação e Comércio

Os portugueses apressaram-se para firmar uma aliança e amizade com os ingleses

Cinco anos depois, o Brasil deixou de ser uma simples colônia para se tornar Reino Unido de Portugal, acabando com o pacto colonial.

Aqui em Pernambuco, em 1817, ocorreu uma importante revolução, prenunciando os embates que culminou em nossa independência.

Com a morte de D. Maria I, a louca, o príncipe D. João tonar-se rei

Mas com a Revolução do Porto em 1820, foi pressionado a voltar a Portugal.

Deixando aqui seu filho Pedro de Alcântara como regente

A elite brasileira logo tratou de manipulá-lo para alcançar os seus interesses

D. Pedro também não teve sossego, pois as cortes portuguesas exigiram seu retorno e a revogação das medidas implantadas em nosso país.

D. Pedro não deixou se abater e no “Dia do Fico” declarou que permaneceria do lado de cá.

A imperatriz Maria Leopoldina, muitas vezes esquecida pelo povo brasileiro, teve papel importante na condução da independência, juntamente com José Bonifácio, assinou alguns tratados.

No dia 7 de Setembro de 1822, o grito de independência de D. Pedro ressoou as margens do rio Ipiranga, atingindo muitas províncias.

Esse dia não encerrou o processo de independência, conflitos e acontecimentos importantes aconteceram.

A escravidão foi mantida.

A população foi esquecida, não foi vista como protagonista, seus direitos não foram ouvidos.

Os indígenas foram silenciados e não vistos como sujeitos históricos.

Sua cultura, suas línguas, seus territórios não foram reconhecidos

A participação popular, que tanto contribui para a construção do Brasil, foi colocada no esquecimento.

Décadas depois, Pedro Américo fez o quadro o Grito do Ipiranga, para idealizar a independência.

Enalteceu a figura de D. Pedro em cima de seu cavalo, e o povo brasileiro, coitado!

Foi representado como expectador desse quadro forjado

Houve guerras de independência nas províncias

As camadas populares ficaram inquietas

Até Maria Quitéria não quis ficar fora dessa

Com essa breve história, digo que a independência do Brasil ainda continua incompleta.

Pois as camadas populares, que mais merecia reconhecimento, ficaram as margens dela

A espera de novo capítulo que a faça protagonista

Nessa trama histórica que alguns desconfiam

***Maria Nicole Alves da Silva – Limoeiro-PE, Escola Suzel Galiza***